

4. Leitura de uma parte da Rua Costa Cabral no Porto, segundo Conzen

Adriana Nascimento

Universidade Federal de São João del-Rei, Avenida Visconde do Rio Preto, s/nº
(Km 02) Colônia do Bengo - CEP 36.301-360 - São João del-Rei – Minas Gerais,
Brasil. E-mail: adrianan@ufsj.edu.br

Alexandra Saraiva

Universidade Lusíada Norte - Porto, Rua Dr. Lopo de Carvalho 4369-006 Porto,
Portugal. E-mail: achaves@por.ulusíada.pt

e

Ana Ferreira

Universidade Lusíada Norte - Porto, Rua Dr. Lopo de Carvalho 4369-006 Porto,
Portugal. E-mail: anaemarc@gmail.com

Resumo. *Este texto intitulado ‘Leitura de uma parcela da Rua de Costa Cabral no Porto, segundo Conzen’ resulta do trabalho em equipa realizado no 1º Workshop do PNUM, na cidade do Porto em Junho-Julho de 2015. Após a exposição apresentada por cada arquiteto responsável, Vítor Oliveira, David Viana e Sara Eloy, das quatro abordagens possíveis, optamos pela abordagem Histórico-Geográfica. Deste modo tivemos em todo o desenvolvimento do trabalho a supervisão e partilha de conhecimentos, de Vítor Oliveira. Convém salientar que todo o trabalho de análise foi determinado pela informação disponibilizada e pela limitação de tempo para a sua concretização. Mais do que resultados, o que se pretendia era aplicar em contexto real diferentes abordagens e constatar que todas elas são possíveis de utilizar e podem interagir em simultâneo.*

Palavras-chave: morfologia urbana, abordagem histórico-geográfica, Porto

Introdução

O artigo que se apresenta resulta de uma semana de trabalho em grupo desenvolvido no âmbito de 1º *Workshop* da Rede Lusófona de Morfologia Urbana, sob o título ‘Diferentes Abordagens no Estudo da Forma Urbana’, realizado no Porto, na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Departamento de Engenharia Civil, entre os dias 30 Junho e 4 de Julho de 2015.

Tentar experienciar quatro abordagens diferentes no estudo da Forma Urbana, sublinha de algum modo a ideia proposta por Whitehand (2001): ‘Para que as trocas de experiências esboçadas nos últimos anos do século XX sejam uma realidade efetiva, é necessário que as diferentes escolas de pensamento definam o seu espaço’.

Após um enquadramento das quatro propostas de trabalho, optou-se pela aplicabilidade da ‘abordagem histórico-geográfica da Escola Conzeniana’. A supervisão dos quatro grupos (neste *ebook* apresenta-se apenas o trabalho de três grupos) que escolheram esta abordagem teve a orientação de Vítor Oliveira.

A constituição do grupo incluiu uma docente universitária e investigadora brasileira, Adriana Nascimento, uma docente universitária e investigadora portuguesa, Alexandra Saraiva, e uma aluna de mestrado integrado em Arquitetura, também portuguesa, Ana Marçal. Esta composição do grupo permitiu a partilha de diferentes níveis de conhecimento e consequentemente uma investigação crítica e abrangente.

Como aplicar a abordagem histórico-geográfica da Escola Conzeniana

Por ter sido a abordagem mais escolhida entre os participantes do *Workshop*, foi sugerido e solicitado que elaborássemos dentro da abordagem histórico-geográfica da Escola Conzeniana, diferentes análises. Desse modo, o grupo aceitou o desafio e tentou concentrar a aplicabilidade desta abordagem na divisão de regiões morfológicas de primeiro nível, e que posteriormente seria apenas tratada a subdivisão morfológica de uma destas regiões morfológicas de primeiro nível. Para simplificar e ajudar a compreensão dos elementos básicos que constituem a paisagem urbana segundo Conzen, a Figura 4.1 mostra a leitura tripartida da cidade e qual a relação criada entre os diferentes níveis das regiões morfológicas.

Em termos de metodologia de trabalho e depois de realizado um reconhecimento ao território, elaboraram-se os respectivos diagramas de análise. A Figura 4.2 corresponde aos elementos que constituem o plano bidimensional (2D) dividido em três momentos, i) ruas, ii) parcelas e iii) edifícios.

Embora não tivéssemos incluído a visão de Karl Kropf (1993) relativamente a definição de região morfológica, entendemos que a aplicabilidade do conceito de região morfológica passa por separar ‘coisas’ diferentes.

Por outro lado, Whitehand (2007) confere que em função do atributo e da persistência deste contributo para a hierarquia das regiões, estas alteram-se. Quando se analisa o plano (a planta da cidade) a sua persistência é elevada e predominante para a hierarquia dos níveis elevado e intermédio. Contrariamente aos usos do solo, que têm uma persistência reduzida, e apenas contribuem para os níveis, reduzido e intermédio. Relativamente ao tecido construído, considera-se a persistência variável, mas frequentemente considerável e o seu contributo para a hierarquia das regiões é normalmente associado aos níveis intermédio e reduzido.

Sendo a área de estudo, uma pequena parte da Rua de Costa Cabral, deveríamos ter abordado a relação entre o conceito de ‘região morfológica’ e o de ‘tecido urbano’. Impulsionadores deste último conceito foram Ivor Samuels e Jeremy Whitehand, enquanto orientadores de Karl Kropf. Consideramos que se tivéssemos utilizado os conceitos de ‘tecido urbano’ e ‘níveis de resolução’, os resultados teriam sido diferentes.

Aplicando então a visão tripartida, segundo Conzen, consegue-se analisar a evolução da paisagem urbana no tempo, estabelecendo relações entre forma, dimensão e tipos de edifícios – de modo a entender como a cidade adquiriu a sua complexidade. Estes elementos depois de interligados ajudaram a definir a proposta de regiões morfológicas de primeiro nível, tendo resultado treze regiões morfológicas.

Salienta-se que o número de regiões de primeiro nível encontrado foi comum à maior parte dos grupos da abordagem histórico-geográfica ou Conzeniana (Figura 4.3). Em virtude do tempo e do material disponível para a determinação das regiões morfológicas de segundo e terceiro nível, optou-se por analisar apenas uma região morfológica de primeiro nível, neste caso a região C (Figura 4.4). A região selecionada pode ser dividida em duas novas regiões. Podendo ser considerada uma região homogénea, encontramos e verificamos diferenças suficientes para a determinação destes níveis. Enquanto para a definição de primeiro nível apenas é determinante o plano (2D), quando se propõe o segundo nível o tecido edificado (3D) assume o protagonismo (Figura 4.5).

Na região C analisada, o segundo nível assume-se pela volumetria contrastante, com as parcelas restantes. Relativamente ao terceiro nível é bastante claro e objetivo, e determinado pela diferenciação do uso do solo, previsto nas parcelas assinaladas. Sendo a região morfológica C, maioritariamente ocupada por habitação, ao terceiro nível associamos um uso diferenciado, mais concretamente, serviços.

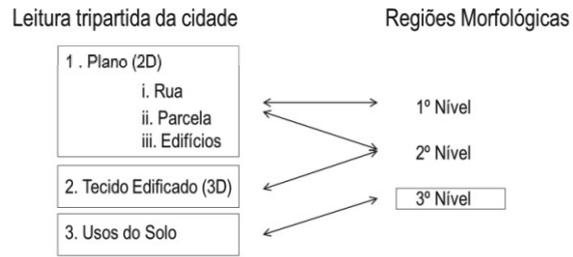


Figura 4.1. Análise dos elementos básicos da paisagem urbana.

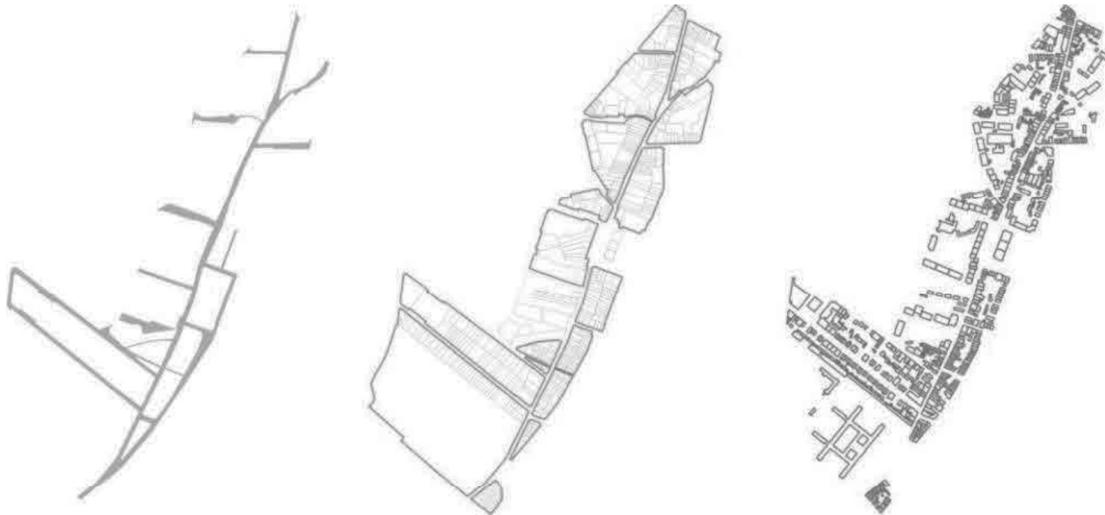


Figura 4.2. Análise dos elementos que constituem o plano 2D: ruas, parcelas e edifícios.



Figura 4.3. Regiões morfológicas de primeiro nível.

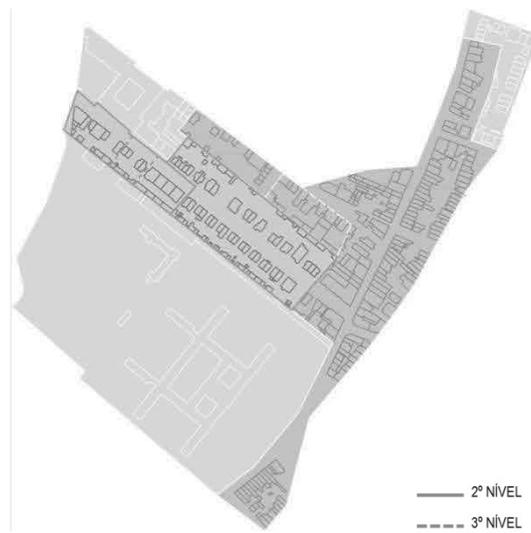


Figura 4.4. Subdivisão da região morfológica C.

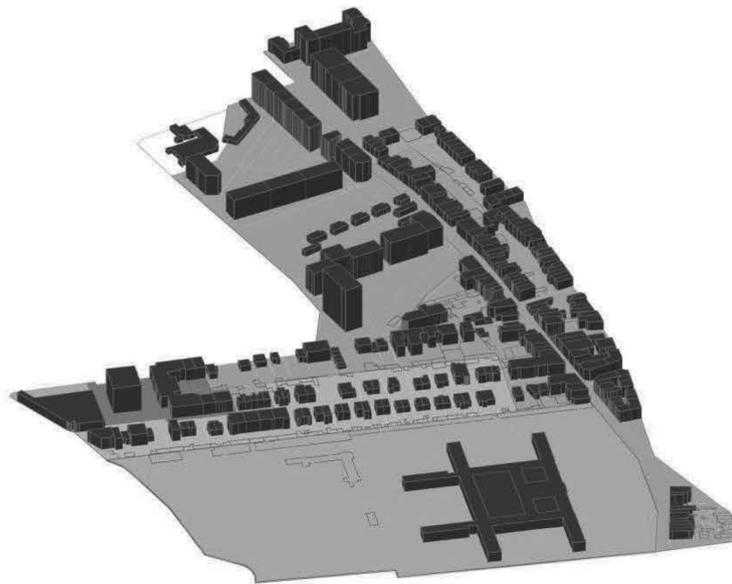


Figura 4.5. Análise do segundo nível - edificado 3D da área total.

Conclusão

Conzen considera a percepção dos diferentes níveis, definidos pela disposição em camadas e pelos elementos ao longo da história, indispensável para a compreensão da forma urbana.

Para nós, depois da experiência realizada e da apresentação de todos os grupos, ficou claro que a investigação produzida por cada temática, dentro das quatro abordagens possíveis, salientou o quanto estas podem ser complementares e utilizadas em simultâneo. Cada vez mais, devemos entender o território e a cidade, tendo como referência as diferentes escalas, que normalmente se associam, desde o território à cidade e terminando na escala da parcela e do edifício.

Essa operação pode ser compreendida como relação e fruto de movimentos diversos, mas sobretudo de ocupação, relacionada tanto à expansão, quanto à especulação urbana. O estudo dos movimentos de ocupação e de mutação espacial permite contribuir tanto para a verificação dos impactos espaço-formais ao longo do tempo, quanto de suas implicações.

A noção de movimento, para nós, confere ainda a possibilidade de se observar o processo de estudo do objeto, relacionado tanto à sua forma quanto aos sentidos dialéticos de sua compreensão, ampliada, como o proposto por Lefebvre (1995[1967]) no método progressivo-regressivo, e também em sua tentativa de categorização de níveis e dimensões. Afirmamos isso por entender que tais transformações são também socioculturais e económicas, para além do puramente formal.

Outra das categorias analíticas que mereceram destaque no nosso processo de estudo foi a de descontinuidade (Conzen, 1960). Tal categoria, pode ser aproximada a definição de área de transição tipológica em Rossi (1998[1966]) coincide na proposição do estudo da cidade por partes e contribui para a compreensão das temporalidades existentes na cidade / estrutura urbana, seus desenhos, saberes e modos de produção do urbano.

Referências

- Conzen, M. R. G. (1960) *Alnwick, Northumberland: a study in town-plan analysis*, *Institute of British Geographers Publication 27* (George Philip, Londres).
- Kropf, K. S. (1993) 'An inquiry into the definition of built form in urban morphology', Tese de Doutorado não publicada, University of Birmingham, Reino Unido.
- Lefebvre, H. (1995[1967]) *Lógica dialética / lógica formal* (Civilização Brasileira, Rio de Janeiro).
- Rossi, A. (1998[1966]) *La arquitectura de la ciudad* (GG, Barcelona).
- Whitehand, J. W. R. (2001) 'British urban morphology: the Conzenian tradition', *Urban Morphology* 5, 103-9.
- Whitehand, J. W. R. (2007) 'Origins, development and exemplification of Conzenian thinking', *14th International Seminar on Urban Form*, Ouro Preto, Brasil, 28 a 31 de Agosto.